

Adair Pimentel Palácio: linguista, indigenista, humanista

Januacele Francisca da Costa

(...)

Ya eyonexi

Ya eyonelhaxi untosa Adair

(Djik

Fulni-ô)

Infância e juventude: vida familiar e social

A professora Adair Pimentel Palácio nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 15 de abril de 1931. Seus pais, Antonio Palácio Pinheiro e Ivone Pimentel Palácio, constituíram um núcleo familiar numeroso, no seio do qual ela desfrutou do convívio dos seus irmãos e irmãs, em uma infância e juventude sadia, alegre e produtiva.

A família Palácio participava ativamente da vida social da cidade e do bairro em que moravam, tomando parte nos eventos religiosos e sociais que eram realizados pela comunidade. Uma amostra da participação da família e, particularmente, da menina Adair, em eventos religiosos, bem como da sua família na sociedade recifense da época, pode ser notada através de diversos registros em jornais da época. No Diário da Manhã, em 24 de maio de 1941, vamos encontrá-los tomando parte nos festejos do mês mariano na igreja dos Martyrios, igreja antiga que ficava na rua Augusta, nas proximidades de onde hoje se localiza o camelódromo, e que foi derrubada em 1973, para abertura da Avenida Dantas Barreto.

Infância

O encerramento, que promete revestir-se de brilhantismo, está marcado para o dia 1 de junho próximo, domingo de Pentecostes, e constará de missa solenne, às 10 horas, celebrada por um sacerdote da Sagrada Família e cantada pela Schola Cantorum da Igreja de São Pedro dos Clerigos, a mesma que vem abrilhantando os actos marianos e que executará a Missa Tertía, a duas vozes, de M. Haller, sob a direcção do professor Manuel Evangelista, devendo a noite mariana de encerramento ser patrocinada pela menina Adair, filha do sr. Antonio Palacio, proprietário da Pensão Palacio, e de sua esposa, sra. Ivone Pimentel Palacio, havendo offerta de flores pelas crianças residentes na parochia e amigas da interessante Adair.

Diário de Pernambuco, 24/05/1941

ANNIVERSARIOS

FAZEM ANNOS HOJE:
Senhoras:
 Maria das Graças Moraes, esposa do sr. Jeronymo Moraes; Felicitiana Bandeira Campos, esposa do sr. Lourival Campos; Esmeralda Ferreira Santos, esposa do sr. Pelicliano dos Santos.
Senhorinhas:
 Julieta Silveira, filha do sr. Sebastião F. Silveira; Maria Bastos Alves, filha do sr. Severino Alves.
Senhores:
 Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva; Pedro José do Nascimento; Nasson de Figueiredo, conhecido intellectual conterraneo; Antonio Lagrecia; Horacio de Barros Ribeiro, funcionario do Departamento de Saude Publica; Elias Dias de Oliveira.
Meninas:
 Adair, filha do sr. Antonio Palacio, e de sua esposa, sra. Ivone Palacio; Nydia, filha do sr. José Rainha.

Diário da Manhã, 14/04/1938

BODAS DE PRATA

Transcorreu ontem, o 25.º aniversário de casamento do sr. Antônio Palacio Pinheiro, proprietário nesta capital, e sra. Ivone Pimentel Palacio.

Solenizando o acontecimento, foi celebrada, às 8 horas, missa em ação de graças, na matriz de Santo Antônio.

Às 10 horas, na residência do casal, foram entronizadas as imagens do Coração de Jesus e de Maria.

À noite, realizou-se uma reunião dansante.

Diário da Manhã, 19/09/1947

Antonio Palácio era o dono da Pensão Palácio, localizada na Rua da Concórdia, 148, onde ficava também a residência da família. Adair recordava e narrava vividamente casos que ali ocorreram, como, por exemplo, quando o seu pai soltou uma revoada de pombos para marcar uma certa comemoração. A pensão Palácio era célebre e muito bem conceituada, o que é possível constatar pelas notas dos jornais da época que a ela se referiam, destacando ora a participação da pensão na V Festa da Mocidade, que acontecia no Parque 13 de Maio, da qual seria responsável pelo bufê de sorvetes, ora noticiando a presença e atuação no local de pessoas famosas, tais como o Maestro Villa-Lobos, que, de passagem por Recife, nela se hospedava.

Importância da Pensão Palácio

No recinto do Parque funcionará perfeito serviço de bar e sorveteria, que se acha confluído a Pensão Palácio. Os aparelhos do Parque Shangai deverão chegar a esta cidade na próxima semana, figurando entre eles o Trem Fantasma, destinado a marcar sucesso entre os frequentadores da V Festa da Mocidade.

Diário da Manhã, 05/11/1941

A cantora baiana Safira Pinto, realizará amanhã, às 20 horas, no "hall" da "Pensão Palácio" um festival artístico, com a apresentação de vários e escolhidos números de seus variados repertório, onde se destacam: "Tudo é Brasil", "Perfidia", "American Away" e outros. Após o recital haverá uma animada "soirée" dançante, abrilhantada por uma afinada orquestra.

Diário da Manhã, 11/07/1941



Jornal de Recife, 07/07/1934

Na sociedade recifense dos anos 1940/1950, a jovem Adair sobressaía-se, fosse participando de eventos culturais – concursos e recitais de poesias, por exemplo – fosse viajando para outros estados do Brasil, ora de navio, ora de avião. Os jornais da época registram alguns desses momentos.

Juventude na sociedade recifense

SENHORINHA ADAIR PIMENTEL PALÁCIO — Completa, hoje, 15 anos de idade, a graciosa senhorinha Adair Pimentel Palácio, filha do sr. Antônio Palácio, proprietário da «Pensão Palácio», nesta cidade.
A gentil aniversariante oferecerá uma hora de arte às suas amiguinhas, em sua residência, à rua da Concórdia n 148.

Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, 20/04/1946

Vida Artística
RECITAL NYSIA NOBRE DE ALMEIDA
Realizar-se-á, terça-feira, 30 do corrente, às 19 1/2 horas, no Teatro Santa Isabel, o anunciado recital das alunas da pianista Nysia Nobre de Almeida, elemento de realce nos círculos artísticos do Estado.
Foi organizado o seguinte programa:
Guritt — Valsa — Aldara da Rosa Oiticica; Beethoven — Minueto em sol maior a 4 mãos — Rosa Maria e Tereza Maria Mineiro Dias; Mendelssohn — Canção da primavera a 4 mãos — Silvia e Maud Fragoso de Albuquerque; Rubinstein — Melodia em fá a 4 mãos — Maria Antonieta e Mirian Caldas; Debussy — O negrinho — Adair Palácio; Carman — Saragoça — Silvia

Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, 26/11/1948

— Chegaram do sul no PP-BRD, avião da L. A. B., as seguintes pessoas: José Alves Melo Filho, José Lopes de Andrade, Vicente de Araújo Pinheiro, Simão Nader, Lúcia Pimentel, Adair Pimentel Palácio, Henrique Gonzales, Olisino Monte de Carvalho, dr. Jayme Fonseca, João Batista, José Silvio Barreto de Macedo, Carlos Lobo Breda, Dulce Gama Breda Filha, Roberto Duarte Quintela Cavalcanti, Dulce Gama Breda, dr. Armando Rabelo, Hercílio Bernardino Souza, Paulo Fialho e Manoel Francisco Souza.

Diário de Pernambuco, 06/08/1947

Assim transcorreu a sua infância e juventude, cheias de eventos felizes e serenos, alguns tristes, certamente, que Adair gostava de contar a nós, seus alunos, nos intervalos das aulas, das sessões de estudos, nas viagens para congressos. Entre suas reminiscências, não faltavam relatos dos carnavais antigos de Recife, dos quais ela e sua família eram alegre e divertida parte.

Uma formação básica muito sólida, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista moral e humanista, vai transparecer em todas as suas nobres ações pela vida afora. Seus pais eram católicos praticantes e eram também pessoas esclarecidas e educadas, sempre procurando mostrar aos filhos todas as faces da vida e do mundo, o que ela própria anuncia ao dedicar-lhes a sua tese de Doutorado: *Aos meus pais, Antonio Palácio Pinheiro (em memória) e Ivone Pimentel Palácio, por me ensinarem, sem rótulos, sobre direitos humanos e justiça social.* (Grifo meu.)

Estudos superiores

A inquietude intelectual de Adair se revela nos cursos de graduação que ela escolheu inicialmente – Educação Física e Direito – os quais cursou quase que simultaneamente, destacando-se em ambos.

Na Escola de Educação Física do Recife, no ano de 1953, ela foi eleita presidente do Diretório Acadêmico, compondo uma chapa que era formada apenas por mulheres. No mesmo ano, já empossada no cargo, assinou, juntamente com os presidentes de diferentes Diretórios Acadêmicos – por sinal, todos homens – um manifesto em que se propõem os rumos da política estudantil, se reitera a independência absoluta da União dos Estudantes de Pernambuco e se colocam as escolhas dos Diretórios Acadêmicos para a eleição dessa entidade. Na Universidade de Recife, também mostra a sua militância na defesa das causas que julgava justas ao assinar um

protesto de bacharelados, entre os quais o seu irmão Aldeck, que seguia o mesmo curso. Entre as assinaturas apostas a esse protesto, mesmo que possamos identificar a presença de outras mulheres no curso de Direito, há apenas uma assinatura feminina, a de Adair, o que demonstra protagonismo como feminista *avant son temps et lieu*, engajamento em causas sociais e uma mente *avant garde*. Tudo sem abandonar a formação cristã tradicional, sua origem.

Como se pode ver, vislumbra-se nessas atividades, em meio a um mundo ainda dominado pelos homens, uma mulher forte e determinada, engajada nas causas sociais e políticas, uma pessoa corajosa, uma intelectual que hoje diríamos à frente do seu tempo, uma visionária, pois, visto que vislumbrava as estradas futuras que a levariam para a nobre causa que abraçou, a luta pelo conhecimento e preservação das línguas indígenas. Não esqueçamos que essa era uma causa considerada menor pela elite intelectual brasileira naqueles tempos.

Em 30 de dezembro de 1954, Adair concluiu o curso de Direito. A edição do Diário de Pernambuco do dia seguinte circulou com a notícia do evento.

Direito

REALIZOU-SE A COLAÇÃO DE GRÁU DA TURMA DE BACHAREIS DE 1954

O ato foi presidido pelo reitor Joaquim Amazonas — Discursos — Os concluintes

No Teatro Santa Isabel realizou-se, ontem, a solenidade de colação de grau dos bacharelados da turma de 1954, da Faculdade de Direito do Recife. O ato foi presidido pelo prof. Joaquim Amazonas, reitor da Universidade do Recife e parabenizou dos novos bachareis os quais tiveram como orador o conselheiro Francisco Higinio Barbosa Lima.

São os seguintes os novos bachareis: Abdias Cabral de Moura Filho, Adair Pimentel Palácio, Ademar de Oliveira, Aderval Vanderlei Tenório, Aécio José Maranhão da Fonte, Alberto de Moraes Vasconcelos, Adrick Pimentel Palácio, Alfredo José Nader, Amaro Fernando Chaves de Medeiros Dourado, Amaury Alcoforado de Almeida, Anibal Aguiar Porto, Antônio Alves da Silva, Antônio Coelho de M. Correia, Antônio F. Neto G. Alcoforado, Antônio Francisco A. Cavalcanti, Antônio Luiz Lima de Barros, Antônio de Vasconcelos Teixeira, Armando Viegas de M. Filho, Artur Pio dos Santos Neto, Avelino Vieira de Medeiros, Azeite Leirão de Albuquerque, Bartolomeu Lapenda, Carlos Fonseca de Mesquita, Carlos Montenegro Guerra, Carlos Moura de Moraes Veiros, Carlos Ribeiro Romo, Célio de Castro Montenegro, Cláudio Cabral da Mota, Cleber Bala Silva, Clovis Valença Alves, Daniel do Rêgo Maciel, Darlei Lima Ferreira, Djalmo Gonçalves Guerra, Dinardo Buarque de Gusmão, Duemerval Bartolomeu Trigueiro Mendes, Edson Bartolomeu F. Gomes, Elias Lapenda Sobrinho, Emílio Tota Chaves, Emir d'Albuquerque Maranhão, Erico de Moraes Rabelo, Expedito José Correia de Oliveira Andrade, Felix Souza de Araújo (ausente), Fernando Cabral Pimentel, Fernando Sá Miranda, Francisco de Assis Baltar Peixoto de Vasconcelos, Francisco de Assis Leite, Francisco de Assis R. Pedrosa, Francisco Carneiro de Menezes, Francisco Figueiredo Matos, Francisco Higinio Barbosa Lima, Francisco Moraes de Souto, Francisco Pinto, Francisco Soares de Sá, Galileu Falconi de Carvalho, Gaspar Castano da Silva, Genival Santos Medeiros, Gentil Marinho Murbach, Geraldo Alves Casado, Geraldo Ferreira Lima, Geraldo Monteiro Santos, Gilson Guedes Cavalcanti, Gilton Guedes Pessoa, Gilvan Celso C. de Moraes, Gutomar Correia da Costa, Helena Alves Pessoa, Helio Correia de Araújo Seltus, Helio Nobrega Senaldi, Herclito Mendes da Fonseca, Hilton Guedes Alcoforado, Humberto Sodré da Mota, Ilson Cavalcanti Carmeiro Leão, Itamar Pereira da Silva, Ivan de A. Moury Fernandes, Ivenise de Abreu Mendes, Jaima Gomes da Silva, Jaime Pugliesi Branco, Jansou Gu-

dos Cavalcanti, Jarbas Benedito d'Almeida, Jazer Menezes Bezerra, João Alfredo Correia de Oliveira, João Batista de Paiva Ramalho, João Bezerra Vasconcelos, João Calado Borba, João Florencio Neto, Joaquim Ferreira Filho, Joaquim Galvão de Melo, José Anchieta Távora, José Apolinário de Pontes, José Carolino Corrêa de Oliveira Andrade, José Cartaxo Loureiro, José Correia de Andrade, José Figueirôa, José Francisco M. Cavalcanti, José Lindoro Martins Souza, José Leão de Carvalho, José Luiz Ramos Vanderlei, José Maria Lima Paraiso, José Mário Correia de Oliveira Andrade, José Nelson Rangel, José Nicácio de Oliveira, José Pascoal Neves Calábria, José Rodrigues de Oliveira, José Rodrigues Torres Filho, José Tavares Valença, Juarez Gomes Lopes, Juarez Sacramento Ponteiro, Lednar Montel-

(Conclui na 15ª página)

Diário de Pernambuco, 31/12/1954

A vocação de Adair e sua missão na terra eram de outra natureza; o estudo das línguas precisava dela, da sua mente criativa, da sua índole bondosa, da sua inteligência e da sua capacidade de se doar aos mais humildes. Os espíritos dos ancestrais de todas as etnias, protetores das línguas indígenas, a chamavam para suas fileiras, as quais, no Brasil, nesse início da segunda metade do século XX, não eram, de modo algum, o que se poderia chamar de fileiras cerradas. Então, ela foi fazer mais uma graduação, dessa vez em Letras Anglo Germânicas, curso que concluiu em 1958, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Formada em Letras Anglo Germânicas, iniciou carreira no magistério na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao mesmo tempo em que lecionava no Centro de Linguística na capital

e em Santo André.

De volta a Recife, trabalhou como tradutora do DNOCS e como professora de Inglês da Sociedade Brasil Estados Unidos e do Colégio Estadual do Recife. Enquanto exercia essas funções, no ano de 1964, sempre em busca de aprimoramento da sua formação humana, intelectual e científica, Adair fez uma viagem de estudos e turismo aos Estados Unidos, onde visitou Nova York. Entre os centros de estudos linguísticos pelos quais ela deveria passar, estava Hattiesburg, no estado do Mississippi, onde demoraria um mês. Antes, porém, ela havia passado pelo México e Peru, depois por Los Angeles, San Francisco, Chicago, Washington e New Orleans. O conhecimento do mundo, e não apenas de mundo, que deixava encantados todos seus alunos e agregados – pois nós, quando nos tornávamos professores, sempre trazíamos conosco um estudante que ainda não a conhecia para que pudesse escutá-la e se encantar pela Linguística Indigenista – nos longos serões que passávamos em sua companhia, esse conhecimento que incluía uma viagem de navio com seu pai, ainda adolescente, para o Rio de Janeiro, alargava-se.

Dessa capacidade de encantar e seduzir pessoas completamente alheias ao tema língua indígena para a causa, quem nos conta é Carla Cunha: (...) *em um dia de aula na graduação, ela entrou na sala para cobrir o horário de uma colega em viagem. Naquele espaço de tempo, mais do ouvi-la falar sobre linguística indígena, percebi seu prazer em viver. (...) Nas oportunidades dos encontros, lá estou eu querendo ouvir suas histórias, querendo ver sua alegria de viver naquele sorriso de menina danada que é minha referência de uma adulta resolvida.*

Aldir Santos de Paula fez também uma descrição muito feliz dessa mulher que guiou tanta gente pelos caminhos do conhecimento, da ciência, de uma humanidade mais justa: *Sempre que penso em Adair alguns traços marcantes aparecem e delineiam*

sua figura ímpar (...): sua inteligência refinada, sua integridade sua alegria e seu olhar. (...) Mas, para além destas qualidades, algumas quase metafísicas, que a tornam gente tão especial e de formato único, ela foi a única responsável por me guiar para alguns “lugares” em que os povos indígenas no Brasil têm a sua posição de centralidade.

Pós-graduação e vida acadêmica

Ao mestrado em Linguística, que ela concluiu em 1967, na Universidade de Indiana, Estados Unidos da América, seguiu-se um estágio na Longman – editora inglesa – e também na University College, em Londres, sob a orientação do professor Randolph Quirk.

A carreira de professora universitária começou em 1974, no departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1975, a Pós-graduação em Letras, com duas áreas de concentração – Teoria Literária e Linguística – foi criada. De acordo com César Leal, presidente da comissão que elaborou o projeto, o corpo docente que compunha o novo programa de Pós-graduação, cujos cursos teriam início em março de 1976, *era altamente qualificado, incluindo Adair Pimentel Palácio, mestra em linguística pela universidade de Indiana, USA.* Tanto na graduação quanto na pós-graduação, a nossa mestra ensinava linguística. Na pós-graduação, concentrou-se especialmente na área de fonética e fonologia de línguas indígenas brasileiras e também de outras línguas.

No mês de maio de 1976, o reitor da UFPE confirmou que indicara, para fazer um curso de doutorado em Universidades dos Estados Unidos, dois professores do departamento de Letras: Adair Pimentel Palácio e Alan Magalhães Costa. Os professores indicados deveriam partir em agosto do mesmo ano. Adair, entretanto, optou por ingressar na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) a fim de estudar uma das línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. A tese resultante, “Guató: a língua dos índios canoieiros

do Rio Paraguai”, defendida em 1984, fez história, tornando-a a primeira linguista doutora brasileira a descrever uma língua indígena. O orientador, o professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, pesquisador de línguas indígenas, é imensamente responsável pelo desenvolvimento da linguística indigenista nas universidades brasileiras: em 1966, através do artigo *Tarefas da Lingüística no Brasil*, o professor Aryon havia conclamado os linguistas brasileiros a se ocuparem da imensa diversidade das nossas línguas indígenas que ainda existiam, que vinham até então sendo estudadas apenas por linguistas estrangeiros, especialmente os missionários americanos do SIL (Summer Institute of Linguistics).

Um fato que magnifica a relevância do trabalho é que os índios Guató, nessa época, eram dados como extintos pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Stella Telles afirmou: *Foi o seu estudo que deu visibilidade e os ressuscitou para a sociedade não índia, que achava que os Guató não existiam mais*. Devido a essa importância para a ressurreição dos Guató, a professora participou como convidada do documentário *500 Almas*, de 2004, dirigido por Joel Pizzini. O filme investiga a cultura da etnia milenar Guató, cujos descendentes vivem na região do atual pantanal mato-grossense.

O caminho que a levou até o povo Guató e sua língua está narrado, com a sua verve especial e única, no texto-epígrafe da tese:

Núbia apresentou-me a Ir. Joana D'Arc, que me indicou Ir. Ada, que me levou a Josefina, que me ensinou a língua e através de quem conheci e amei: Celso, Francolina, Cipriano, João Quirino, Estelita, Joana, Pedro, Lucinda, Vicência, Josefa, Armando, Zulmira, Xolô, Ana Maria, David, Eufrásia, Manoel, Júlia, José, Veridiano, Félix e Sebastião.

Mataram Celso.

Estelita morreu de sarampo.

Joana, Xolô e Ana Maria morreram de velhice e de inanição. Lucinda, Vicência e Josefa foram levadas embora... Ninguém sabe pra onde.

Pedro foi para um asilo e João, que ficou cego, foi viver com Josefina em Corumbã.

(com minhas desculpas ao poeta inspirador deste roteiro)

(Palácio, 1984)

Ao mesmo tempo em que trabalhava na elaboração da tese,

juntamente com Amara Cristina Botelho, Gilda Maria Lins de Araújo, Mara Núbia da Câmara Borges e Judith Chambliss Hofnagel, Adair atuou na fundação do NEI (Núcleo de Estudos Indigenistas), no Departamento de Letras da UFPE. Registrado em 1980 pelo vice-reitor à época, o professor Geraldo Lapenda, o NEI, no qual ela foi coordenadora, pesquisadora, conselheira e inspiração por muitos anos, acolheu e formou dezenas, senão centenas, de estudiosos em Linguística e línguas indígenas. A partir dessa base forte e importante, diversos trabalhos sobre línguas indígenas foram realizados, preparando mestres e doutores, que se tornaram, em sua maior parte, professores de universidades e orientadores de outros trabalhos em línguas indígenas. Desse modo, o NEI Recife e Adair são responsáveis pela existência de inúmeros pesquisadores na área de línguas indígenas, o que hoje em dia garante que vários núcleos de pesquisa nessa área possam ser encontrados em diversas universidades do Norte e do Nordeste do Brasil, onde esses professores atuam. Esses centros, todos devedores a Adair, têm contribuído imensamente para a causa do conhecimento linguístico e para a atual luta pela preservação das línguas indígenas.

Uma contribuição importante do NEI Recife não pode deixar de ser mencionada: a criação do Boletim Axéuvyru – Axéuvyru é uma palavra da língua Guató que significa “Meu povo”, modo como ela se referia aos Guató – cujo primeiro número foi lançado em 1982.



Diário de Pernambuco, 22/05/1982

No seu primeiro número, o Boletim Axéúvyru esclarecia:

O índio é um dos valores étnicos e culturais do Brasil. A ele não vem sendo dado o destaque que merece. Uma imagem, consciente e inconscientemente distorcida, vem sendo transmitida às novas gerações. Trata-se de uma figura marginal, de um entrave ao progresso do País. Conseqüentemente, os grupos tribais, minoritários, constituintes da sociedade nacional, não vêm tendo o respeito que merecem.

O NEI e o Boletim Axéúvyru tinham em Adair sua representante por excelência, estivesse ela ou não à frente de eventos e realizações empreendidos pela sempre valorosa equipe.

Ensinando, estudando, proliferando o conhecimento e o amor pela causa das línguas indígenas, seu profundo senso de compromisso e de responsabilidade permitia que ela não se esquivasse do trabalho menos agradável de gestão. Em 1980, assumiu a subchefia do Departamento de Letras da UFPE, que tinha como chefe a professora Edileuza Dourado. Por duas gestões, fez parte da diretoria da Associação Brasileira de Linguística (Abralín), sendo

também conselheira por duas outras gestões.

A primeira participação na diretoria da ABRALIN ocorreu no período entre 1981 e 1983, quando a Abralín ficou sediada na UFPE. Foi conselheira de 1991 a 1995 e, novamente compôs a diretoria entre 1996 e 1998, no período em que a sede ficou no PPGLL/UFAL, Maceió. Sempre que ocupou esses cargos, destacou-se com propostas e ações relevantes. Embora, tradicionalmente, os congressos da ABRALIN sejam precedidos e seguidos de um Instituto de Linguística, cuja ideia central é levar o ensino da linguística para universidades das diversas regiões do país, essa tradição havia sofrido uma paralisação, sendo retomada em Recife, no ano de 1982, por iniciativa de Adair, na gestão presidida por Francisco Gomes de Matos. Nesse biênio, ainda, foi lançado o número 1 do Boletim da Associação Brasileira de Linguística. No congresso realizado em Maceió, articulou a participação do linguista Noam Chomsky e organizou o número da Revista D.E.L.T.A que apresenta a famosa entrevista do cientista.

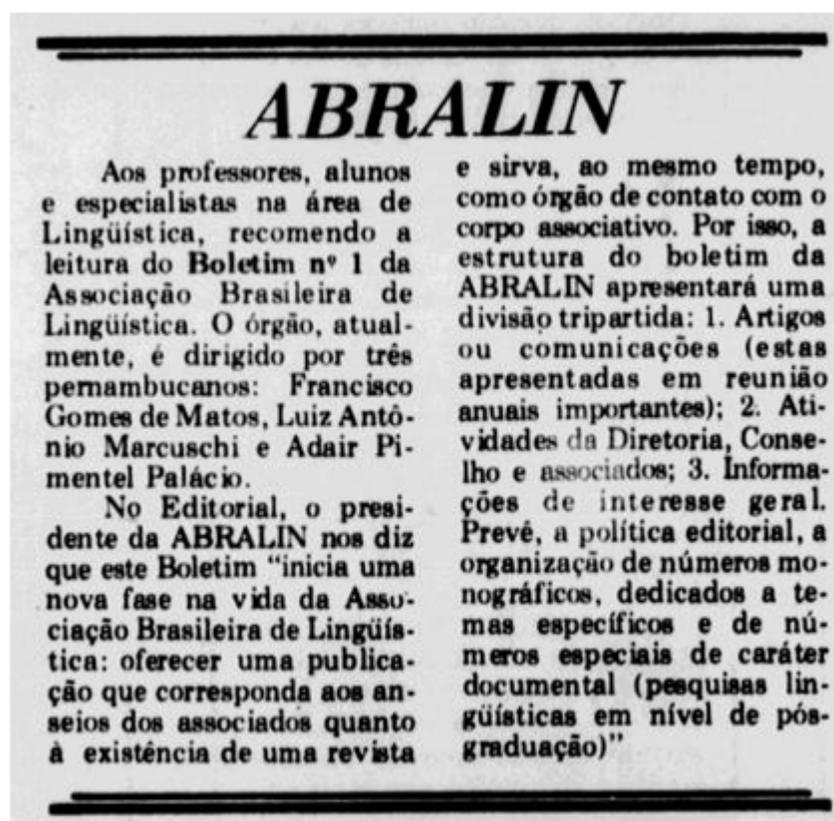
Diário de Pernambuco, 19/03/1982

Abralín tem nova direção

Em assembléia geral, realizada por ocasião da 33ª Reunião da SBPC, a Associação Brasileira de Linguística — Abralín — elegeu uma nova diretoria para a entidade, tendo à frente o professor Francisco Gomes de Matos, membro do corpo docente do Departamento de Letras da UFPE. A Secretaria será exercida por Luís Antônio Marcuschi e a Tesouraria ficará a cargo de Adair Pimentel Palácio. É a primeira vez, desde a fundação da Associação em 1969, que a diretoria é entregue ao Nordeste, ficando sediada no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

A Abralín, enquanto entidade de classe dos lingüistas, propõe-se a defender os interesses da categoria, além de promover congressos e divulgar informações. A transferência da sua sede para o Nordeste significa uma maior dinamização do órgão, cuja atual diretoria pretende intensificar a comunicação entre os profissionais dos diversos Estados, através da publicação regular de um boletim.

Na Reunião da SBPC, neste ano, a Abralín promoveu dois cursos, "Elementos para uma teoria do discurso", ministrado por Sírío Possenti (Unicamp), e "Aspectos biológicos da linguagem", sob a responsabilidade de Giselle Machline de Oliveira e Silva (Rio). Realizou, ainda, uma mesa-redonda sobre o tema "Reforma ortográfica: questão lingüística ou política?", coordenada por Maria Bernardete Gnerre (Unicamp).



Na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), onde ajudou a professora Denilda Moura a implantar o doutorado em Linguística e fundou outro núcleo de estudos indigenistas que leva o seu nome, na Faculdade de Letras, Adair teve uma passagem importante. Daniele Grannier escreveu que *O NEI – Núcleo de Estudos Indígenas –*, tanto na UFPE como na UFAL, era e continua sendo um espaço onde os interessados podem ir chegando, sem formalidades, para saber um pouco mais sobre os povos indígenas e, mais especificamente, sobre suas línguas.

... and beyond

O nome de Adair está mais visivelmente ligado aos estudos das línguas indígenas brasileiras, ao chamamento das universidades no Nordeste do Brasil, onde as línguas indígenas em sua maioria foram extintas, para a causa das línguas indígenas.

A inquietude intelectual e a doação dela para a ciência e para o conhecimento, porém, é muito mais ampla. Projetos, programas, eventos, associações que contaram com a sua participação e contribuíram para o crescimento do estudo de línguas, da Linguística em particular – sem falar nas suas incursões pela arte, literatura, filosofia, etc. – são incontáveis, sobretudo porque foram produzidos em uma época em que o trabalho efetivamente realizado parecia ser mais importante do que publicações efêmeras. Mencionamos aqui apenas alguns exemplos.

Fez parte do projeto NURC (Norma Urbana Culta), que tinha como proposta inicial documentar e estudar a norma falada culta de cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Como integrante desse projeto, participou do Encontro de Cultura Popular, na UFBA, no ano de 1975, onde representou, ao lado das professoras Edileuza Dourado e Núbia Borges, o Instituto de Letras da UFPE.

É notório que o ensino da Linguística no Brasil chegou timidamente, já quase a partir da segunda metade do século XX, e apenas nos grandes centros, onde ficavam as melhores universidades. Nos meados dos anos 70, quem fizesse um curso de Letras em uma faculdade do interior, estudaria no máximo filologia e nunca teria ouvido falar em descrição de línguas. Para nós, descrição de língua era a gramática tradicional. De Saussure, sabíamos o nome – [saw'suri] – e que era “o pai da linguística moderna”. De variação, então, não ouvíamos falar. O preconceito linguístico era fato consumado, era a moral vigente, já que “falar errado” podia ser um crime tão grave quanto desobedecer aos mandamentos cinco e sete. Nesse cenário, Adair aparece também como pioneira, pois participa dos primeiros movimentos para levar a ciência linguística para além da UFPE, tanto no Estado de Pernambuco, quanto em Estados vizinhos. Os jornais da época registram o périplo, do qual damos aqui uma pequena amostra.

Diário de Pernambuco, 24/02/1972

Problemas de linguística serão estudados em Campina Grande

O I Seminário de Linguística da Paraíba será realizado entre os dias 1 a 3 de março próximo, em Campina Grande, ocasião em que estarão reunidos para estudo e debates de temas fundamentais as maiores autoridades brasileiras em estudos linguísticos.

O Seminário é promovido pela Faculdade de Filosofia de Campina Grande e o Centro de Estudos de Linguística Aplicada de São Paulo, cujo diretor, prof. Francisco Gomes de Matos, pronunciará a conferência de abertura: "Princípios fundamentais da Linguística Contemporânea".

OS TRABALHOS

Os trabalhos do Seminário são muito variados, incluindo palestras, mesa redonda e estudo de documentos básicos. As mesas redondas estão a cargo

dos seguintes professores: Humberto Lobo Novelino (Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco); Adair Palácio; Augustinus Staub, Francisco Gomes de Matos (do Instituto de Letras da UFPE e do Centro de Linguística Aplicada de São Paulo), sendo presididos pela profa. Benita Figueiredo Ferreira Loureiro, diretora da Faculdade de Filosofia da Universidade Regional do Nordeste.

As conferências estão a cargo dos professores Gomes de Matos (Princípios Fundamentais da Linguística Contemporânea); Adair Palácio (A Linguística e o Ensino da Comunicação Escrita em Português); José Barbosa Borges (A Natureza e os Objetivos das Pesquisas Linguísticas); Humberto Lobo Novelino (Novas Perspectivas nos Estudos Linguísticos); Cleusa Menezes (A Linguísti-

ca e a Formação do Professor de Língua Portuguesa); Augustinus Staub (Conceitos Básicos da Linguística e Serviço do Professor de Vernáculo e de Línguas Estrangeiras); Geraldo Mattos (O Conceito de Significado).

HORARIO

Os trabalhos serão realizados pela manhã e à tarde. Dentro do programa estão previsto lançamentos de livros dos professores Eurico Back e Geraldo Mattos. As inscrições para o Seminário estão abertas no Recife, à rua Fernandes Vieira, 761, sede do Yazigi, mediante o pagamento da taxa única de 50 cruzeiros para cobrir despesas com material e certificados. Em Campina Grande os interessados poderão obter informações na Secretaria da Faculdade de Filosofia, à rua Afonso Campos, 23, diariamente.

Diário de Pernambuco, 25/02/1976

Diário da Manhã, 27/04/1981

1.º Congresso Regional de Literatura será de 8 a 13 de fevereiro

O Nordeste vai reunir, pela primeira vez, de oito a 13 de fevereiro, no Recife, professores de linguística e literatura da Região, no 1.º Congresso Regional de Literatura e Linguística, promovido pelo Departamento de Letras da Universidade Católica de Pernambuco.

O conclave que tem por finalidade estudar, analisar e discutir problemas ligados ao ensino, a literatura e à linguística, no Brasil, vem despertando o interesse de professores, universitários e pessoas ligadas às Letras, tanto de Pernambuco como de Estados vizinhos, em face da importância e benefícios que trará para o movimento literário da Região.

As inscrições poderão ser feitas diariamente — das 14 às 17 e das 19 às 21 horas — na Secretaria do Departamento de Letras da Unicap, 6.º andar do Bloco A, até o dia 30.

TEMARIO

Estes são alguns dos temas a serem abordados: "Linguística e Estruturalismo", pela professora Adair Palácio; "Poesia de Vanguarda no Brasil" pelo Padre Daniel Lima; e "Crítica Literária no Brasil", prof. Cesar Leal, todos da Universidade Federal de Pernambuco. Pela Universidade Católica, os professores Padre Anibal de Souza Melo e Leonidas Câmara, que abordarão: "Matozo Câmara, in memoriam" e "O Romance Moderno Brasileiro", respectivamente.

"Linguística e Poesia", prof. José Macambira; "Fundamentos para Investigação Literária", prof. Luis Tavares Júnior, da Universidade Federal do Ceará; e "Conto Moderno Brasileiro", a cargo do prof. Juarez da Gama Batista, da Universidade da Paraíba, foram os temas escolhidos por professores de outros Estados.

Encontro de Linguística será em Serra Talhada

ENCONTRO DE LINGUÍSTICA — Será realizado uma reunião científica e de estudos — com o objetivo de promover a troca de experiências nas áreas de Língua Portuguesa, Linguística e Literatura.

O encontro Estadual de Linguística, promovido pelo Conselho Estadual de Educação, está sendo realizado em Serra Talhada, no Estado de Pernambuco, sob a coordenação do Departamento de Letras da Universidade Católica de Pernambuco.

O encontro estadual de Linguística, promovido pelo Conselho Estadual de Educação, está sendo realizado em Serra Talhada, no Estado de Pernambuco, sob a coordenação do Departamento de Letras da Universidade Católica de Pernambuco.

O encontro estadual de Linguística, promovido pelo Conselho Estadual de Educação, está sendo realizado em Serra Talhada, no Estado de Pernambuco, sob a coordenação do Departamento de Letras da Universidade Católica de Pernambuco.

O interesse pelo índio não era apenas pelas línguas – já dissemos isso, mas não nos incomoda reiterarmos. Ela também não se negava a falar, onde quer que fosse convocada, sobre os povos indígenas, sobre ser realidade e não mito a existência deles. Assim, aceitava a difusão das suas participações em eventos sobre a causa indígena porque não era sobre si mesma, era sobre o seu trabalho, sobre um fato que as pessoas costumavam negar sem conhecer, imbuídas que todas estávamos do que hoje conhecemos pelo nome de racismo estrutural. Adair, sempre enxergando muito à frente, lutava por conhecimento e reconhecimento, sem preconceito e sem medo.

Diário de Pernambuco, 20/04/1983

Dia do Índio comemorado nas escolas municipais

As solenidades alusivas ao Dia do Índio, no âmbito da Municipalidade, tiveram início às 9 horas de ontem, quando o professor Humberto Vasconcelos, secretário de Educação e Cultura, e a professora Ruth Franco, presidente da Fundação Guararapes, deram por aberta a série de promoções culturais realizadas no Centro de Desenvolvimento de Pessoal - Cedespe e cujo ponto de destaque foi uma palestra com base em "Curiosidades sobre o índio brasileiro".

A palestra foi proferida pela professora Adair Pimentel, vinculada ao Núcleo de Estudos Indigenistas e especializada em História do Índio, no País. Assistiram à conferência convidados especiais, coordenadores, técnicos, supervisores e escolares da Fundação Guararapes.

ATIVIDADES

Além dessa promo-

ção que registra a passagem do Dia do Índio, nesta data, a Fundação Guararapes também promoveu atividades em diversas escolas municipais, onde as aulas foram basicamente dedicadas a cultuar memória do índio brasileiro.

Algumas professoras promoveram dramatizações; outras destinaram o expediente escolar à elaboração de redação sobre o tema básico da data; e, em mais algumas escolas, as atividades foram incentivadas pelos centros cívicos, reunindo os alunos num mesmo horário, para vivenciar conjuntamente a importância do evento.

A exemplo do Dia do Índio, as escolas da Fundação Guararapes também comemorarão as datas alusivas a Tiradentes e à inauguração de Brasília, amanhã e ao Descobrimento do Brasil sexta-feira.

Diário de Pernambuco, 28/02/1985

Cultura indígena é tema de curso que a UFPE vai promover

O Núcleo de Estudos Indigenistas, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, promoverá de segunda a sexta-feira da próxima semana, no Centro de Artes e Comunicação, no horário das 8 às 12 horas, um curso sobre cultura indigenista para professores de 1º grau. A informação é da professora Maria Núbia da Câmara Borges, do Departamento de Letras da UFPE, que adverte para a necessidade de um melhor conhecimento da cultura indígena.

Quanto ao curso, assinala Núbia Borges, seu objetivo principal é conscientizar o professor do 1º Grau sobre a necessidade de melhor utilização do material didático que possibilite aos alunos o conhecimento adequado do índio brasileiro.

O curso faz parte do projeto "A Cultura Indigenista no Ensino de 1º Grau",

pertencente ao Programa de Integração da UFPE com o Ensino de 1º Grau no Estado de Pernambuco. Este projeto tem como coordenadores as professoras Núbia Borges e Adair Pimentel Palácio, esta última também do Departamento de Letras da UFPE, e vem sendo aplicado com base em orientações traçadas pelo Núcleo de Estudos Indigenistas, mais conhecido por NEI.

Fundado há cinco anos, o NEI já teve a oportunidade de influenciar um razoável número de pessoas no campus universitário. Núbia Borges e Adair Pimentel acreditam que "isto serve como indicador no levantamento de hipóteses sobre opiniões e atitudes da comunidade com relação aos índios, e justifica o interesse de um trabalho mais específico e sistemático".

Dona de um carisma profundo, ela compartilhava com todos os seus muitos conhecimentos, sua sabedoria, sua experiência de vida e sua ética honesta e inquebrantável. Incutia nos jovens estudantes o interesse, a vontade de aprender. Guia na ciência e na vida, fazia as pessoas se sentirem atraídas para a aridez – ledão engano – da fonética e da fonologia e para o desconforto – casual e temporário – do estudo das línguas indígenas. Ela fez isso como muita gente, tocou profundamente, sem fazer discursos aliciantes, apenas com o poder do seu conhecimento e do seu entusiasmo e alegria pelo trabalho que se propôs a fazer, como nos conta Ana Carla Bruno: *Com Adair, encantei-me pelas culturas e línguas indígenas.*

Encantei-me tanto que casei com um Baniwa e tive duas filhas. Tudo isso, acredito mesmo, só foi possível porque você GUIOU o meu caminho e a minha vida... Assim como minha mãe Dorita, você deu-me Asas e um universo de possibilidades: OBRIGADA, OBRIGADA.

Maria Pankararu, índia e linguista, deu um depoimento importante sobre essa faculdade maravilhosa de Adair não somente como guia, mas também como apoiadora incontestada da causa indígena: (...) *E você tocou o coração de muita gente, despertando interesse e vontades para o estudo das línguas indígenas brasileiras. Contribuiu imensamente para que várias universidades pudessem conhecer sobre a realidade indígena brasileira e criassem em seus programas linhas de pesquisa voltadas para nós, povos indígenas, propiciando-nos mais visibilidade e participação nesse espaço de poder e produção de conhecimentos, de igual para igual.*

Muito mais, e de forma tão bela quanto, já foi dito, inclusive em Yaathe, que reproduzimos na epígrafe a este texto: *Ya eyonelhaxi!* Nós agradecemos a essa Adair, com muito respeito.

Legado

Árvore genealógica – descendência

A lista das pessoas acolhidas pelos NEIs e orientadas por Adair para realização de estudos de línguas indígenas é longa.

Odileiz Cruz, lá de Roraima, anunciou: *Amada Mestra, pode se orgulhar do grupo de profissionais que você ajudou a construir. Sua contribuição acadêmico-metodológica nos fez tomar diferentes caminhos mundo a fora. Somos muito gratos pelas marcas humanas e científicas que exalastes em nossas vidas.* Ao que Stella Telles, referência recifense, arremata:

Dadá, amada,

Quantas vidas, para além das nossas vidas, você ilumina, aquece

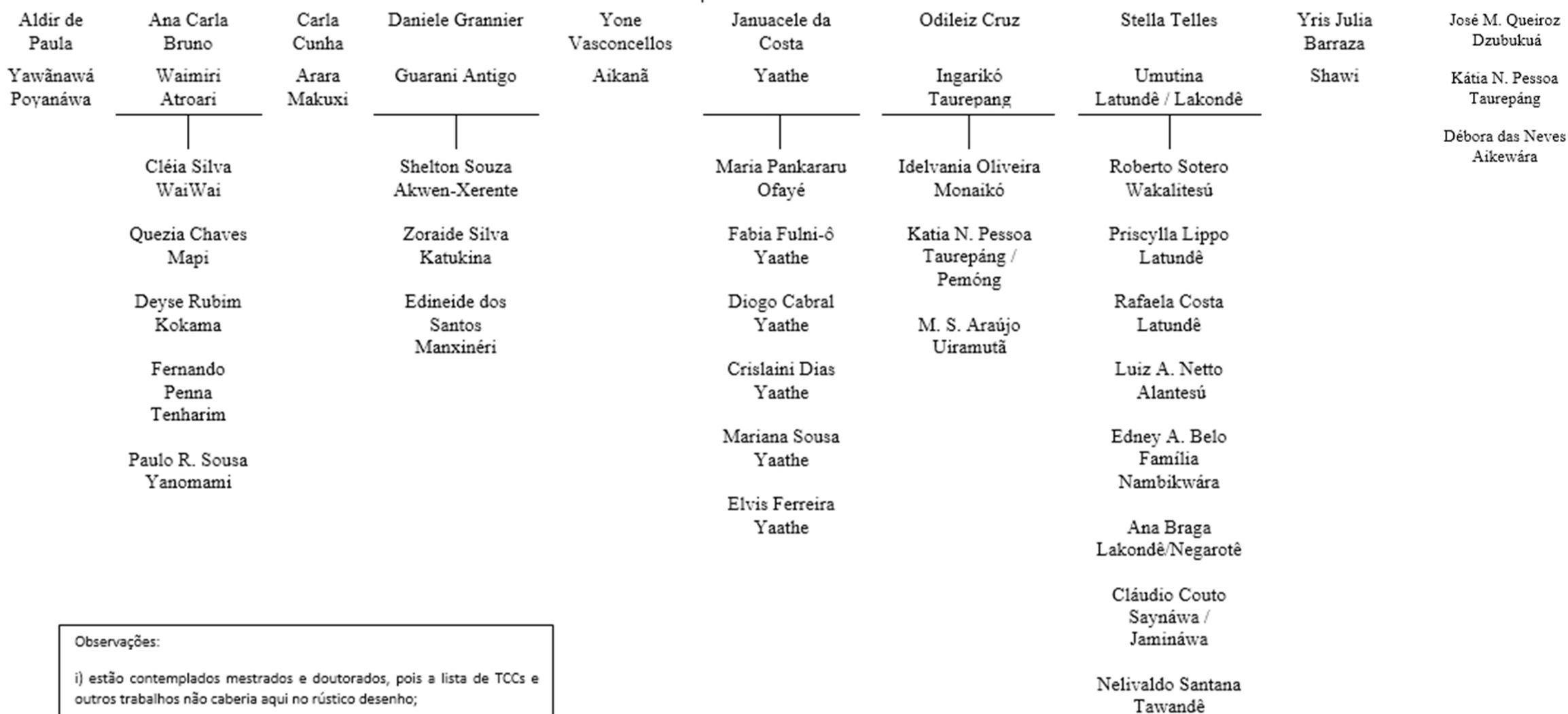
e nelas se multiplica...

Para poder mostrar isso de uma forma que nós, seus orientandos, brincamos de fazer, vai aqui, em forma de “árvore genealógica”, essa lista de nomes de algumas dessas vidas que ela converteu ao estudo das línguas indígenas, juntamente com as línguas estudadas e com os ramos que delas nasceram.

Genealogia Palaciana (línguas indígenas)

Aryon Rodrigues

Adair Palácio



Observações:

i) estão contemplados mestrados e doutorados, pois a lista de TCCs e outros trabalhos não caberia aqui no rústico desenho;

ii) desde já, peço desculpas àqueles/as cujos nomes, por algum tipo de engano ou de insuficiência das fontes consultadas, eu possa ter omitido.

Trabalhos

Entre seus trabalhos apresentados e publicados, contam-se artigos, traduções, crônicas e outros. Listamos aqui alguns desses trabalhos.

Guató: a língua dos índios canoeiros do Rio Paraguai. Orientação: Aryon Dall'Igna Rodrigues. Tese de Doutorado, Unicamp Itens, 1984.

Aspectos da morfologia Guató. IV Congresso Internacional da ABRALIN, 2005.

Alguns aspectos da língua Guató. LIAMES, v. 4, n. 1, 2004.

O jogo dos marcadores pessoais em Guató. LEITURA – Teoria e Análise Linguística, n 25: 61 – 66, 2000

Generative linguistics: Development and Perspectives – Maceió: na Interview with Noam Chomsky (by Mike Dillinger & Adair Palácio). D.E.L.T.A, Vol. 13, Nº especial, 1997, p. 1-229.

Sistema numeral em Guató. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, 1996.

Memória etnolinguística. Boletim Axéuvyru, Ano VI, 1987, Nº 4.

Max Schmidt. Boletim Axéuvyru, Ano VI, 1987, Nº 4.

Aspects of the morphology of Guató. In B.F. Elson (ed.), Language in global perspective, 363-372. Dallas: SIL. 1986

Aspectos da linguística moderna, de Archibald Anderson Hill

(tradução). Com Maria do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta A. Celani), edição brasileira apresentada por por Isidoro Blikstein, São Paulo, Cultrix, 1972.

A revolta das palavras (crônica). Empréstimos linguísticos (Nelly Carvalho). São Paulo, Ática, 1989.

Boletim da Associação Brasileira de Linguística (homenagem a Aryon Dall’Igna Rodrigues) (organização). N° 20, janeiro, 1997.

500 almas (documentário) como depoimento.

Epílogo

Adair Palácio foi uma das pioneiras em estudos de línguas indígenas no Brasil, com reconhecimento internacional; o seu legado tem um valor imensurável. As populações indígenas do Brasil e de Pernambuco, em especial, devem muito do reconhecimento e da visibilidade que conseguiram ter a partir dos anos 1970 ao trabalho que ela desenvolveu. As empresas de revitalização, preservação e valorização de línguas e culturas indígenas que hoje existem são fruto da sua voz e da sua luta. Promoveu eventos – palestras, exposições e outros – que contribuíram enormemente para colocar a causa indígena e não apenas a causa das línguas indígenas – entre os principais temas em debate na academia e na sociedade. Ela costumava dizer, diante de uma descrição “dura” de uma língua: “Essa língua tem um povo que a fala. Você precisa trazer o povo para o seu trabalho”. Essa voz poderosa, disso não pode haver dúvida, foi a voz que acordou o Nordeste para a existência dos povos e das línguas indígenas.

Dedicou sua vida à ciência linguística, ao estudo das línguas indígenas, ao gesto de nobreza que é acolher sem escolher. Com

a certeza que só uma pessoa que recebeu ajuda, ensinamento, incentivo, bebeu sabedoria e, sobretudo, encontrou compreensão diante das minhas muitas limitações pode ter, eu me quase autoplágio: *a sua bondade é inenarrável*.

Era um domingo, provavelmente azul, como soem ser as tardes de Recife, sete de dezembro de 2020, quando a professora emérita da UFPE, título que recebeu em nove de abril de 2010 – homenagem que fez “justiça aos serviços prestados ao meio acadêmico e à causa indígena, marcos que dignificam as instituições por onde passou e servem de referências para as novas gerações” – faleceu. Está sepultada no Cemitério Parque das Flores. Deixa uma grande saudade, feita de gratidão e ternura, nos corações dos seus alunos e dos alunos dos seus alunos. Para a humanidade, deixa uma obra de real e inesgotável valor.

Eternizou-se.

Fontes bibliográficas

TELLES, S. (Org.). **Querida Dadá**. Nossa homenagem. Águas Belas, II Colóquio Língua e Educação Indígena na Aldeia Fulni-ô. 2014.

TELLES, S. (Org.). **Coletânea Axéuvyru**. Recife, Editora Universitária UFPE, 2005.

PALÁCIO, A. P. **Guató, a língua dos índios canoeiros do rio paraguai**. (Tese). Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 31 de dezembro de 1984.

Jornais

Diário de Pernambuco. Coleção digital. Disponível em www.memoria.bn.br

Pequeno Jornal. Jornal Pequeno. Coleção digital. Disponível em www.memoria.bn.br

Diario da Manhã. Recife. Acervo CEPE. Disponível em <https://www.cepe.com.br>

Fontes digitais

<https://www.ufpe.br/agencia/noticias>

<http://www.adufepe.org.br>

<https://.facebook.com/abralin.oficial>

<http://www.etnolinguistica.org>

<https://glottolog.org>

<http://lattes.cnpq.br/>